

Caos e comunidade

Sonho de uma noite de verão pelo Teatro Praga e Músicos do Tejo

Francesca Rayner



<

Sonho de uma noite de verão, a partir de William Shakespeare Et *A rainha das fadas*, de Henry Purcell, Teatro Praga e Músicos do Tejo, 2010 (Nuno Dias – baixo –, Raquel Camarinha . solista – Rossana Ghira – contratenor), fot. Paulo Pacheco.

Título: *Sonho de uma noite de verão*, a partir de *Sonho de uma noite de verão* de William Shakespeare (1595-6) e de *The Fairy Queen/A rainha das fadas* (1692) de Henry Purcell. **Concepção:** Teatro Praga e Músicos do Tejo. **Cenários:** Bárbara Falção Fernandes. **Casa:** Filipe Carneiro (Triplinfinito). **Figurinos:** Carla Cardoso (figurino de Vicente Trindade por António de Oliveira Pinto). **Intérpretes:** André e. Teodósio, Cláudia Jardim, Diogo Bento, Joana Barrios, Joana Manuel, Patrícia da Silva e Rodolfo Teixeira. **Direção musical:** Marcos Magalhães. **Solistas:** João Sebastião, Nuno Dias, Raquel Camarinho, Rossano Chira. **Grupo Vocal Olisipo:** Armando Possante, Elsa Cortês, João Moreira, Luísa Tavares. **Artistas convidados:** Ana Pérez-Quiroga, Catarina Campino, Javier Nunez Gasco, João Pedro Vale, The End of Irony (Diogo Lopes, Ivo Silva, Miguel Cunha, Rita Morais e Ricardo Teixeira), Vasco Araújo, Vicente Trindade. **Realização vídeo:** André Godinho. **Equipa de filmagem:** Bruno Reis, Francisca Rodrigues, Joana Frazão, Leonor Noivo, Nuno Morão, Salomé Lamas. **Músicos do Tejo:** Álvaro Pinto, Bruno Fernandes, Carolino Carreira, Marcos Magalhães, Marta Araújo, Marta Vicente, Miriam Macaia, Nuno Mendes, Pedro Gaió Lima, Pedro Castro, Sérgio Pacheco. **Produção:** Cristina Correia. **Local e data de estreia:** Centro Cultural de Belém, 3 Julho de 2010. **Posterior apresentação:** Centro Cultural de Vila Flor, Guimarães, 16 de Junho de 2012.

Uma das vantagens de um evento como Guimarães 2012 é que um espetáculo de grande escala como este, que apenas estreou e teve duas representações em Lisboa –, no Centro Cultural de Belém, nos dias 3 e 4 de Julho de 2010 –, também pôde ser visto no norte do país. O público em grande número e muito heterogéneo, que atraiu, ilustra

ainda como o Centro Cultural Vila Flor tem nos últimos anos contribuído na formação de públicos para representações multidisciplinares como esta.

Se uma companhia como a *Forced Entertainment*, aceita momentos de tédio na sua vontade de libertar a representação do colete-de-forças da repetição, o Teatro

Praga aceita um certo grau de caos como necessário à sua intenção de criar experiências teatrais irrepetíveis. Este caos faz com que, por vezes, as suas representações sejam inconsistentes, com momentos inovadores seguidos de outros onde as ideias parecem esgotar-se. Contudo, este *Sonho de uma noite de Verão* conseguiu efetivamente sustentar a criatividade do caos através de colaborações intermediais com artistas visuais, cantores e músicos.

Embora se tenha apropriado de nomes e situações de *Sonho de uma noite de Verão* (1595-6) de Shakespeare, a inspiração primordial para esta *performance* foi o espetáculo – de grande impacto visual, próprio da Restauração na Inglaterra – *The Fairy Queen/A rainha das fadas* (1692) de Henry Purcell, também ele baseado no *Sonho de uma noite de Verão*. O que parece ter atraído o Teatro Praga para esta obra em particular, aparte a sua combinação de teatro e música, foi o excesso barroco da sua encenação. Como indicado no programa do espetáculo, as representações do *Fairy Queen*, em 1691-2, estavam tão repletas de efeitos cénicos – como fontes e macacos vivos – que, embora tenha sido um sucesso junto do público, levaram à ruína financeira. É pouco provável que o fogo-de-artifício, carrosséis e instalações deste espetáculo de 2012 tenham consequências tão devastadoras, mas há algo nesta montagem, nomeadamente no conjunto alargado de *performers* envolvidos e na própria ambição do projeto, que relembra os excessos do espetáculo do séc. XVII.

"Para quê fazer teatro quando só se pensa no Verão e no Amor?" é a primeira de muitas questões formuladas pela companhia em volta desta *performance*. A resposta é um espetáculo aparentemente descomprometido acerca das inconsistências do amor. Tal como em *Sonho de uma noite de Verão* de Shakespeare, a magia desempenha o seu papel, mas de uma forma contemporânea, na combinação de leite materno e esperma masculino, o que perturba laços e emoções anteriores. Helena e Hérnia, e Demétrio e Lisandro até experimentam momentos de desejo *queer* com os seus novos parceiros. O desafio *queer* à pressuposição da heterossexualidade nas artes surge também num dueto entre dois cantores, homens – onde um insiste num beijo que o outro lhe tenta negar –, assim como em "Victoria's Secret", uma instalação de Xavier

Nuñez Gasco em volta de uma "fada" transexual, inclusive com biquíni e asas cor-de-rosa. No entanto, estes momentos não significam que a visão sobre o amor seja unicamente positiva. Tal como uma das músicas insiste, há uma linha muito ténue entre o prazer e a dor do amor, e vários *performers* dão voz aos medos, às contradições e às derradeiras injustiças que também fazem parte da experiência amorosa.

Enquanto os músicos ocupavam um espaço em frente ao palco, diretamente virados para o público, e os cantores atuavam na boca de cena, os atores eram filmados em tempo real, atrás de um ecrã com duas pequenas aberturas que permitiam que o público pudesse ver o que se passava nos bastidores, na "sala verde", enquanto as imagens eram projetadas no ecrã. Os atores incluíam os que trabalham habitualmente com o Teatro Praga, assim como um coletivo de atores conhecidos como "The End of Irony". Este coletivo apareceu primeiramente a parodiar as entrevistas para os meios de comunicação e o mundo de teatro contemporâneo – "[...] Não entrei no Conservatório. Disseram que eu tinha uma pronúncia do Porto" –, antes de regressar mais tarde para representar a cena de Píramo e Tísbe, de *Sonho de uma noite de Verão*, com uma lanterna a substituir a lua, um "burro" humano vestido apenas de cuecas, e desconstruções cómicas, pelos *performers*, dos seus próprios papéis. O espetáculo terminou com uma dança de corte, contrastando a improvisação anterior com a estrita coreografia da dança.

Num espetáculo que junta várias formas artísticas, alguns elementos de coesão foram criados através de momentos de ligação inter-artísticos. Por exemplo, as instalações dos artistas visuais também serviram de cenário para os cantores, enquanto as próprias canções eram partilhadas/ecoadas pelos atores/*performers* e os cantores. Desta forma, os músicos, os cantores e as imagens projetadas representavam elementos centrais da *performance* em vez de serem marginalizados para a periferia no sentido de privilegiar os atores. Aliás, uma das grandes vantagens das criações descentralizadas do Teatro Praga, é precisamente o facto de diferentes formas artísticas poderem sobressair em palco de forma mais equilibrada.



<

v

Sonho de uma noite de verão,
a partir de William Shakespeare Et
A rainha das fadas,
de Henry Purcell,
Teatro Praga e Músicos do Tejo 2010 (< Diogo Bento, Cláudia Jardim, André e Teodósio, Joana Barrios;
v Raquel Camarinha - solista, na caixa preta -, Alípio Padilha - tripé -, Rossana Ghira - contratenor, vulto na última caixa aberta -, Jenny Larrue - mulher com asas),
fot. Paulo Pacheco.



Em resposta à crise económica e à devastação causada pelos cortes abissais nos orçamentos do teatro, a tendência tem sido a de minimizar o mais possível a escala das representações. Embora a dimensão desta representação torne difícil a sua representação regular, a sua acumulação de parcerias criativas sugere uma outra resposta possível à crise e levanta, por si só, outras questões políticas. O espetáculo começa com uma discussão acerca de quem poderá, atualmente, deter o mesmo tipo de poder que os monarcas do séc. XVII, para quem Purcell compôs. Tanto o Presidente da República, como o Primeiro-ministro são

rapidamente eliminados e o poder contemporâneo na democracia é atribuído aos atores, ou seja, não às figuras de autoridade que detêm o poder político formal, mas a todos nós. Esta conclusão reforça a democracia em palco no qual artistas de várias artes interagem sem hierarquias aparentes. Mas até que ponto esta "espetacularidade" neo-barroca contesta as relações de poder entre palco e plateia, atores e espetadores? Por outras palavras, esta encenação do caos provoca a construção de uma comunidade ativa de cidadãos ou, pelo contrário, não faz mais do que reforçar a sua sujeição ao poder da ilusão?